

### **Aumentam os empréstimos universitários não devolvidos**

Em 2012, o governo britânico encareceu bastante as propinas, autorizando as universidades a cobrar até um limite de 9.000 libras. Ao mesmo tempo, todos os estudantes podem obter um empréstimo para pagar essas propinas e não têm de devolvê-lo até conseguirem um emprego com um certo nível de rendimento (21.000 libras atualmente).

A ideia era melhorar o financiamento das universidades e fazer com que o licenciado, que ia beneficiar no futuro de melhores oportunidades laborais, devolvesse o recebido. Mas começam a surgir problemas.

Nick Hillman, um antigo conselheiro do até há pouco tempo ministro das Universidades, David Willets, referiu no "The Guardian" ("Tuition fees: former Tory adviser says government got its maths wrong", 21.3.2014) as suas dúvidas sobre a sustentabilidade do novo modelo de financiamento universitário.

Segundo Hillman, a percentagem do dinheiro emprestado que nunca será devolvido está em vias de alcançar – se não o tiver já ultrapassado – um ponto em que o novo modelo será ainda mais gravoso para as contas públicas do que o anterior. Ora, a nova regulamentação foi aprovada para reverter a situação de perpétuo défice nas contas universitárias. Pretendia-se fazer incidir o preço da educação sobre o próprio estudante, e assim evitar que se repercutisse no contribuinte.

Quando aprovada, foi tido em conta que haveria uma percentagem dos devedores que nunca seria devolvida. De facto, estabelecia-se que se perdoaria a dívida que não tivesse sido saldada após 30 anos da concessão do crédito. Além disso, estabeleciam-se exceções para certos trabalhadores. Em linhas gerais, só se começaria a devolver o empréstimo, quando o salário do antigo universitário ultrapassasse as 21.000 libras anuais; uma vez superado este limite, pagar-se-ia todos os anos 9% da quantia adicional.

O plano já previa que cerca de 25% do dinheiro nunca seria reembolsado. No entanto, como reconheceu o próprio Willets, os novos dados sugerem que a taxa de falta de pagamento está a chegar aos 45%. Num sistema que distribui anualmente mil milhões de libras em empréstimos, esta percentagem constitui um importante buraco para as finanças públicas.

Segundo informação do "The Guardian" ("Poorest students face £350m cut in grants", 22.11.2013) – que afirma ter tido acesso a um documento do BIS (Department of Business) –, o governo estava a pensar em reduzir as bolsas para os estudantes mais desfavorecidos, embora esta medida viesse a entrar em vigor em 2015. Concretamente, pretende converter parte delas em empréstimos. Além disso, também cortaria 2% do orçamento dedicado à investigação universitária.

Os rumores sobre o fracasso dos empréstimos a universitários reavivaram o debate sobre as propinas. O Partido Trabalhista anunciou que está a elaborar um projeto de reforma integral do financiamento universitário, embora ainda não tenha concretizado oficialmente o seu conteúdo. Previsivelmente, irá propor uma baixa no limite máximo das propinas, das 9.000 libras atuais para 6.000.

Além disso, numa segunda fase, inclinar-se-ia para eliminar de todo as propinas, e substituí-las por um "imposto aos licenciados" (Graduate tax): o universitário teria de pagá-lo durante um determinado número de anos após terminar o seu curso universitário. Este método de financiamento já foi discutido no seio do partido trabalhista, mas até agora nunca foi defendido publicamente por ele.

Segundo os seus defensores, liberta as contas públicas (o contribuinte) do peso das deficitárias finanças universitárias. Desta forma, o estudante, e somente o estudante, seria quem o suportaria. No entanto, os detratores do imposto aos licenciados consideram que pode gerar outros problemas: por um lado, poderia levar os estudantes a terminar os seus cursos noutros países, ou a emigrar para não pagar o imposto; além disso, ao estabelecer um mesmo preço para todos os cursos em todas as universidades, desincentivaria a competitividade entre elas.

Entre os oponentes ao Partido Trabalhista encontram-se os que defendem o atual modelo, ou os que, inclusivamente, pedem uma nova subida das propinas para as adequar aos custos reais da presença na universidade. O vice-reitor da Universidade de Oxford, por exemplo, reclamou recentemente mais liberdade para fixar as propinas.

Por seu lado, Nick Clegg, líder do partido liberal-democrata, defendeu o sistema em vigor, e salientou que a perceção de bancarrota nas contas universitárias está muito ligada a uma conjuntura económica especialmente desfavorável. Se os números macroeconómicos melhorarem, o atual modelo

garantiria a solvência. De facto, argumentou, apesar dos pessimistas augúrios da oposição, o número de matrículas continua a crescer.

Na balança final das finanças universitárias, tem um papel significativo o número de estudantes extracomunitários, visto que, para eles, não existe um limite nas propinas, podendo ser-lhes cobrado o custo real. Segundo informou o "The Guardian" ("Almost a quarter of postgrad students at English universities are Chinese", 2.4.2014), o número de alunos chineses em programas de pós-licenciatura tem vindo a crescer, e já são cerca de 25% do total. No entanto, os de outras nacionalidades, como a indiana ou a paquistanesa, estão a baixar fortemente.

## A "cruzada" do Banco Mundial

Há muitas discriminações no mundo, mas só uma impedirá que um país receba créditos do Banco Mundial (BM). O seu presidente, Jim Yong Kim, definiu como "tarefa urgente", o esforço para "eliminar toda a discriminação institucionalizada" contra os homossexuais.

O BM disponibiliza dinheiro ao Iémen, entre outros países, onde as mulheres não têm os mesmos direitos que os homens; a Myanmar (Birmânia), um dos que maltratam as minorias; à China, que a este último acrescenta uma discriminação institucionalizada contra os crentes.

Pelo contrário, Kim decidiu suspender um crédito de 90 milhões de dólares ao Uganda, porque aí foi aprovada, em finais de fevereiro, uma lei que penaliza os atos homossexuais. Também ordenou uma revisão geral das políticas de empréstimo, para assegurar que o BM não contribui para a discriminação contra os homossexuais, e reuniu-se com organizações gays para estudar o assunto.

A "The Economist", que concorda com Kim no desejo de igualdade de direitos para os homossexuais, critica-o todavia por se meter onde não é chamado. O BM, salienta a revista semanal num editorial "Right cause, wrong battle" (21.4.2014), está proibido pelos seus estatutos de desenvolver atividades políticas, e deve conceder os seus créditos e donativos atendendo a critérios económicos, na procura da maior eficácia para combater a pobreza, que é a sua tarefa. Adotar a causa gay não é justificado pelos objetivos do BM e, além disso, prejudica-os.

Com efeito, diz a "The Economist", o crédito deixado em suspenso era para melhorar as clínicas de maternidade no Uganda, país com uma elevada mortalidade infantil. Não entregar esse dinheiro, equivalente a 20% do orçamento de saúde ugandês, não irá aliviar a pobreza da população.

Além disso, leis como a do Uganda existem em mais outros 70 países, 38 dos quais africanos (a maior parte do continente). A

Nigéria, também recetora de créditos do BM, aprovou em janeiro outra similar.

Por último, a abordagem pró-gay que Kim quer dar ao Banco é arbitrária. "Das muitas formas de fanatismo que o Banco poderia combater", diz o editorial, "não é claro que as leis contrárias aos gays sejam as mais prejudiciais para os pobres". Outras, como a discriminação contra as mulheres, têm efeitos muito piores.

Além disso, a posição do presidente ugandês, Yoweri Museveni, é a do povo, como em quase toda a África. Mostra-o um inquérito ("The Global Divide on Homosexuality", 4.6.2013) do Pew Research Center. À pergunta de se a sociedade deve admitir a homossexualidade, respondem "não" 96% dos ugandeses, 98% dos nigerianos... Aí se vê que, efetivamente, a aceitação da homossexualidade é uma posição ocidental, maioritária na América do Norte e na Europa, e entre os latino-americanos em menor grau, mas impopular nas outras regiões do mundo. Isso explica que as campanhas ocidentais sejam encaradas como uma ingerência imperialista em países tão sensíveis por terem sofrido o colonialismo.

O complexo de superioridade moral que o Ocidente mostra no assunto gay torna-o cego às convicções alheias. Se se pretende que outros mostrem maior tolerância, haverá que entender as suas razões, sem as rejeitar como simples fanatismo. Será necessário convencê-los de que podem manter as suas ideias e formas de vida sem necessidade de penalizar os atos homossexuais; de que revogar tais leis não implica abrir a porta à promoção pública de algo que consideram reprovável e socialmente prejudicial; de que isso teria vantagens, como favorecer a luta contra a sida ao facilitar a deteção de infeções em homossexuais, que são um grupo de risco (embora não o principal em África).

Pelo contrário, com os seus sermões e o calcar forte que muitas vezes empregam sobre os discordantes, os líderes ocidentais podem sentir-se muito satisfeitos consigo próprios, mas não têm credibilidade entre aqueles a quem dirigem as suas advertências. Sabemos que os Estados Unidos e os seus aliados não podem anular todos os males do mundo. Precisamente por isso, a cruzada seletiva a favor dos homossexuais é contraproducente.

R. S.

## Marcas têxteis, dispostas a pagar mais aos cambodjanos

Oito grandes marcas do setor têxtil, que encomendam os seus artigos a fábricas do Cambodja, declararam que estão dispostas a pagar mais pela roupa fabricada, o que permitiria elevar o salário dos trabalhadores.

A declaração foi emitida após alguns dias de protesto em Phnom Penh, onde milhares de trabalhadores, vestidos com camisas laranjas, pediram um aumento significativo do salário mínimo que atualmente é de 100 dólares mensais.

As marcas, que incluem H&M, Zara, Next e a britânica Primark, escreveram ao governo do Camboja e ao presidente da associação de produtores têxteis locais, para dizer que estão dispostas a que os seus preços reflitam salários mais elevados.

As marcas foram acusadas muitas vezes de se esconder por detrás dos produtores locais para pagar o mínimo possível pela roupa, sem ter em conta os salários e as condições laborais. Os sindicatos ficaram satisfeitos com a atitude das marcas, e disseram que agora os proprietários das fábricas não têm desculpas para não aumentar os salários. Os sindicatos pedem um salário mínimo de 177 dólares.

O setor têxtil, que dá trabalho a 600.000 trabalhadores, converteu-se em algo vital para a economia cambodjana, mas também em fonte de combativas reivindicações sindicais. Ath Thorn, presidente do sindicato dos trabalhadores têxteis, congratulou-se com a declaração, mas afirmou que as marcas se devem comprometer a assegurar que os trabalhadores ganhem mais. “Para conseguir estabilidade a longo prazo e salários decentes, aqueles que obtêm maiores ganhos devem assumir a sua responsabilidade”.

## “O Impossível”

“Lo imposible”

Realizador: Juan Antonio Bayona

Atores: Naomi Watts, Ewan McGregor

Duração: 114 min.

Ano: 2012

No dia 26 de dezembro de 2004, um *tsunami* invade com ondas gigantes as zonas costeiras de vários países do oceano Índico. Este filme narra a história real de uma família em férias numa estância turística e que será testemunha de como em situações de crise, a natureza humana é capaz de realizar atos heroicos, mas também atos mesquinhos...

Um casal com três filhos rapazes aproveita a quadra natalícia para uns dias de descanso. De repente, a tragédia abate-se enquanto todos brincam na piscina...

A mãe é arrastada pelo turbilhão das águas. Ferida pelos escombros, vê um dos filhos ao longe na corrente. Isso dá-lhe forças para se aguentar quando já estava prestes a desistir de tentar sobreviver. Consegue juntar-se a ele. Apoiam-se um no outro e acabam vivos num hospital. Ela indica-lhe o que deve fazer e orienta-o então para funções adequadas às suas capacidades, pois conhece bem o seu filho. Essa decisão será determinante para o reencontro final.

Entretanto, o pai também não morrera. Encontra os outros dois filhos, mas arrisca separar-se deles, deixando-os a salvo para ir em busca da mulher e do outro rapaz. Telefona aos sogros e essa conversa dramática dá-lhe novo ânimo para continuar...

É o interesse de uns pelos outros que os leva a superarem os perigos e serão os diferentes “modos de ser” de cada um, que contribuirão para a reunião de todos novamente...

### Tópicos de análise:

1. Lutar para além dos próprios interesses fortalece a motivação pessoal.
2. Para atribuir uma tarefa adequada a uma pessoa, é preciso conhecê-la bem.
3. As capacidades de cada um potenciam-se quando são estimadas pelos outros.

Link para o filme:

<http://www.imdb.com/title/tt1649419/>

Paulo Miguel Martins

Professor da AESE

